

Capella de Nossa Senhora da Piedade, na villa da Louzã

Poucas terras em Portugal se podem ufanar de estarem como que engastadas em tão esplendidas paizagens como a pequena villa da Louzã. Uma das mais encantadoras e ao mesmo tempo das mais originaes é a que a nossa gravura representa.

Quando o viajante sae da villa da Louzã, e, deixando ficar atraz de si a casaria branca da povoação, a que dá vivissimo realce o verde dos milharaes e o doirado das espigas, passando ainda além dos campos cultivados, por entre os quaes serpeiam longos renques de oliveiras, se embrenha a final na serra e perde completamente de vista a paizagem da planicie, depara-se-lhe na frente a muralha negra e musgosa do antigo castello, depois as ruinas á flor do solo da velha povoação arruinada, depois penhascos, não aridos e nus, mas revestidos de viçosissima alcatifa, que se penduram sobre um abysmo de verdura, no fundo do qual corre o Arouce. Quem se collocar n'um d'esses penedos e relancear os olhos em torno de si, goza um espectaculo verdadeiramente admiravel!

Acha-se embrenhado n'um eremiterio entre serros. Nem um ruido, nem um lampejo do mundo exterior! Por todos os lados um horisonte de verdura! as montanhas empinadas correram a sua cortina de penhascos entre o viajante e a planicie. Dir-se-hia um valle encantado, um como que jardim de Armida, onde fada ignota, escondida entre a ramaria dos arvoredos, tem de reter para todo o sempre, com languidos feitiços, o imprudente que alli se aventurou.

No fundo corre, serpeia, deslisa fazendo infinitos meandros o Arouce, placido e limpido, cujas aguas transparentes se azulam espelhando o ceo. O ouvido enlevado escuta o murmurio do rio nas pedras do leito, e o gorgeiar de outros fios de agua, que brotam aqui ou além, e que, resvalando por entre as fragas, levam ao affluente do Mondego as suas liquidas pareas. De um lado a muralha sombria da antiga fortaleza, e no centro d'esta admiravel bacia, erguendo-se imponente e banhando os pés no Arouce, o penhasco das ermidas cingido pela capellinha de Nossa Senhora da Piedade, como por diadema sacrosanto.

Separa o Arouce do pincaro do castello o penhasco

das ermidas. Aquelle fica na margem direita, este na margem esquerda. O viajante que descer do solar arruinado atravessa o rio por uma ponte, erguida no seculo XVIII, como se vê da inscripção gravada n'uma lapida engastada no arco e olhando ao poente. Já não está intacta a lapida, e o tempo implacavel roubou ao fundador d'este pobre monumento a innocente gloria de transmittir o seu nome á posteridade. Apenas se póde ler o seguinte: «É obra de devoção a Nossa Senhora e a S. João. Era de 1744.»

Superior á legenda campeia a cruz cavada na pedra, e quasi ao fundo da lapida o symbolo devoto do nome de Jesus.



Passada a ponte, sobem-se os degraus de uma longa escadaria, e encontra-se primeiro a capella de S. João. Só da sua singela architectura podêmos inferir alguma coisa sobre o seculo em que foi construida. Rude e simples, não se encontram n'ella nem os brincados lavores da renascença, nem essas extravagancias de ornamentação que distinguem as obras do seculo XVII, e que provam a intima affinidade existente entre as letras e as artes, porque parece ter tambem o gongorismo invadido a architectura. A capella de S. João deve ser, por conseguinte, pelo menos dos fins do seculo XV. Vem robustecer esta opinião o facto de existir uma licença del-rei D. João III, que em 1537 houve por bem conceder que alli se fizesse o bodo costumado.

Sobem-se uns poucos de lanços de escada e encontra-se a capellinha do Senhor da Agonia. N'um dos parapeitos do pequeno alpendre que lhe fica junto ergue-se uma cruz de pedra com a seguinte inscripção: «Estas obras mandou fazer o capitão Francisco Barbosa, natural d'esta villa. Era de 1624.» A gloria d'este honrado capitão deslumbrou provavelmente o fundador da ponte, que nutriu o legitimo desejo de enviar aos vindouros o seu nome de envolta com o do sr. Francisco Barbosa. Mas o tempo logrou-o, como já vimos.

Ao cabo de outros dois lanços de escada encontra-se a final a capella da Senhora da Piedade, cujo branco perfil se estampa no azul da atmosphera e domina a serena paizagem que descrevemos. Construida nos fins do seculo XVII, esta santa capellinha tornou-se logo, e até hoje tem sido, objecto de grande devoção para o singelo povo d'aquelles arredores. A tranquillidade magestosa d'aquelle ermo, o silencio augusto d'essa vasta cathedral de verdura, onde a capellasinha se ergue como sanctuario recondito, como tabernaculo mysterioso, como custodia de pedra onde habita a candida imagem de Maria, contribuiu de certo muito para inspirar ás populações campestres, cujos instinctos são tão naturalmente poeticos, esses devotos pensamentos. Parecer-lhes-hia, sem que podessem nem soubessem definir esse sentimento vago, que essa capella tão proxima do ceo, tão banhada de purissimos ares, tão rumorejada de melodias da brisa e das aguas, tão rescendente de suaves fragrancias, era a habitação onde mais se devia comprazer a Virgem Santa, o meigo vulto feminino que illumina com tão doce luz, que perfuma com tão casto aroma a austeridade do dogma christão. Julgariam talvez que a sua prece humilde, confundindo-se com os murmurios que se exhalam da natureza, iria abrir um sorriso no rosto formoso da imagem, e dos labios d'Ella voaria logo, purificada e etherea, aos pés do throno do Omnipotente.

Seja como for, é certo que a Senhora da Piedade do penhasco das ermidas é invocada sempre pelos louzanenses em todas as tribulações da sua vida pouco tempestuosa. É por intercessão d'Ella que se desatam das nuvens as torrentes de agua que vão reverdecer os campos, requeimados por alguma sêcca estival, é Ella quem doira de novo a espiga já murcha e desbotada. Angustias de mãe, timidos desejos de namorada, anciedades de filhos pelos paes enfermos, tudo procura consolação e abrigo no seio da Virgem da Piedade. Conta-nos o sr. padre José Daniel de Carvalho Montenegro, illustradissimo sacerdote, a quem devemos os apontamentos que serviram de base a este pequeno artigo, que no dia ultimo de novembro víra uma mulher, com uma carta na mão e o rosto resplandecente de alegria, dirigir-se á capellinha, e alli prostrada erguer fervorosas acções de graças a Nossa Senhora. Tardaram-lhe novas do filho vagueando em longes terras; com o coração enlutado invocára o auxilio da Mãe dolorosa, e o lucto transformára-se-lhe em jubilo, e era esse jubilo, flor do coração materpal, que ella vinha depor aos pés da Virgem misericordiosa.

No dia 24 de junho ha feira annual na villa, e romaria a Nossa Senhora e a S. João, que, apesar da visinhança, não deixa de fazer tambem o seu milagrinho, perfumado milagre de amor como usa fazel-os em terras do Meio-Dia o bento protector dos namorados. Se nos não faltasse espaço, não desdenhariamos entrelaçar aqui as lendas que nos foram contadas na digressão que fizemos á Louzã. As doces lendas dos santos só crescem e viçam em torno das egrejas do ermo. São grinaldas de rosas silvestres com que se enfeitam e alindam no campo as imagens dos santos do christianismo.

M. PINHEIRO CHAGAS.

OS GENIOS DA ASTRONOMIA MODERNA

KEPLER

(Vid. pag. 319)

VIII

Quando Kepler, perseguido pelos catholicos, abandonou os penates e os lares sem ter aonde acolher-se, tão superior se considerava, apesar dos seus farrapos indigentes, que, fallando de Tycho, o grande fidalgo, e dos seus thesouros scientificos, disse: «Tycho anda avergado de riquezas, mas, á similhança de todos os opulentos, não sabe empregal-as.»

E Kepler, no meio do seu orgulho, tinha razão. As riquezas de Tycho eram o fructo do usurario. Era necessario um genio que soubesse aproveital-as e fizesse com que rendessem thesouros de alta valia. Era necessario um genio que d'aquelle acervo confuso, e até certo ponto chaotico, soubesse tirar todos os resultados, todas as leis, todos os principios, que lá deviam de estar implicitos necessariamente, porque, de outra sorte, a natureza vivêra ao acaso. Assim raciocinou Kepler, e foi para ver o ardor, o enthusiasmo com que se associou a Tycho no observatorio de Praga. A audacia de Kepler tinha agora um fundamento, uma solida base. Podia erguer-se aos pincaros da sciencia, porque, se caísse, não caía no abysmo. Phaetonte arrojado e impaciente, o seu carro triumphal era o grande catalogo de Tycho. O rio em que vogava para se ir em busca das leis cosmicas nascêra no cerebro de Pythagoras, engrossára com o poderoso affluente de Copernico, e as observações de Tycho eram uma ilha afortunada, um porto seguro, d'onde poderia partir, e aonde poderia voltar, se a sorte lhe não sorrisse e houvesse de naufragar.

Kepler correu, pois, pressuroso a dessedentar-se em manancial tão abundante.

Mais methodico, e sofreando as naturaes e fervidas impaciencias, estudou, ou antes proseguiu nos estudos

da refracção começados por Tycho, emendou alguns erros que Plinio já tinha legado, e escreveu um livro intitulado *Paralipomena ad vitellionem*. Este titulo modesto encobria uma obra de folego, que attestava um genio fecundo e universal. Era um tratado completo de optica, no qual deu Kepler regras exactas para se construirem telescopios e para se determinar a distancia focal. Explicou tambem o grande astronomo pela primeira vez o mecanismo do olho, a luz cendrada, e, como appendice, publicou uma taboa de refracções. Descartes, na sua *Dioptrica*, tão justamente afamada, seguiu as pisadas do mestre.

Nove annos de assiduos trabalhos, improbos tentamens e continuas observações, levou Kepler a representar exactamente os movimentos de Marte por duas das celebres leis, das tres que depois se denominaram planetarias, e que immortalisaram o seu nome [1].

A obra gerada durante esses nove annos, monumento eterno do que póde o genio do homem quando alliado a uma vontade firme, tem por titulo: *Nova astronomia ou physica celeste, fundada no estudo do movimento de Marte, deduzido das observações de Tycho Brahe.*

Na sua dedicatoria ao imperador Rodolpho, diz Kepler em tom *humoristico*, propriamente germanico, que lhe era proprio, e que nos nossos dias se encarnou em Hoffmann e Henri Heine:

«Trago a vossa magestade um nobre prisioneiro, fructo de uma guerra laboriosa e difficil, emprehendida sob os seus auspicios. E mais não temo eu que recuse o nome de captivo, pois já o foi quando em tempos antigos deixou por folguedos de amor capacete e armas, e caiu nas redes de Vulcano.

«Nenhum outro havia zombado tanto da humana inventiva; debalde se aprestaram astronomos para a lucta; debalde empregaram todos os seus recursos e hostes guerreiras. Marte zombou sempre dos seus inimigos, destruiu-lhes as machinas e engenhos de guerra, decepou-lhes as esperanças mais floridas. Envolto no impenetravel segredo do seu imperio, resguardou-se do inimigo e estorvou-lhe as suas sábias marchas. D'elle se queixaram por vezes os antigos, e Plinio, infatigavel explorador dos mysterios da natureza, declara Marte livre e isento da curiosidade humana.»

Agradecendo depois ao illustre capitão Tycho Brahe, e mostrando o desanimo e o desalento que iam pelos arrayaes astronomicos, diz:

«Resignou-se, em fim, o inimigo á paz, e por intermedio de D. Natura, sua mãe, mandou-me a confissão da sua derrota e rendeu-se. A arithmetica e geometria escoltaram-n'o sem resistencia até á nossa tenda.

«Mostrou desde então que podêmos fiar-nos na sua palavra. Só pede um favor a vossa magestade. Toda a familia d'elle vive no ceo; Jupiter é seu pae, Saturno seu avô, Mercurio seu irmão, Venus sua irmã. Acostumado a tão augusto convivio, anceia voltar ao seio dos seus, e quizera vêl-os a gozarem-se da hospitalidade de vossa magestade. É necessario, pois, aproveitar as victorias e continuar a guerra com vigor. Poucos perigos offerece, porque Marte é prisioneiro. Mas supplico a vossa magestade que, sendo o dinheiro o nervo da guerra, queira ordenar a seu thesoureiro que entregue ao general de vossa magestade as necessarias sommas para o armamento de novas tropas.»

O engraçado astronomo, que assim escrevia em *folhetim*, acabava de dar uma passada de gigante. Conhecendo o tempo da revolução de Marte, graças aos calculos de Copernico e Tycho, empregando um processo engenhoso e singelo, póde determinar as posições successivas do planeta em relação á Terra, e construir a curva. Mas a natureza d'esta não ficava determinada. Diz-nos a geometria que seria necessario um numero infinito de pontos [1]. Kepler viu-se reduzido a estabelecer hypotheses. Seria um circulo a curva? O calculo dava, n'esta hypothese, um erro de oito minutos. Logo a orbita circular não é possivel, porque, como disse Kepler, a bondade divina deu-nos em Tycho um observador tão exacto, que um erro de oito minutos não póde acceitar-se. «Como alcançar a Galatéa celeste?» exclama um dia o grande genio nos paroxismos da perseguição.

O seu espirito, soffrendo longa contensão, prestes a partir-se como uma mola, póde ainda fazer um derradeiro esforço, e a hypothese da orbita elliptica foi ensaiada. A Galatéa não teve artes de fugir; fóra apanhada pelo feliz astronomo.

Traçando a ellipse no papel, seguiu o planeta nas diversas posições, com o compasso na mão e os olhos no ceo. E Marte obedeceu submisso; nunca se apartou. Foi assim que Kepler assentou, a final, as duas leis:

Marte descreve uma ellipse, de que o Sol occupa um dos focos.

As áreas descriptas pelo raio vector (linha que une a Terra ao planeta) são proporcionaes ao tempo.

Analysemos agora mui rapidamente estas duas leis.

(Continúa) A. Osorio de Vasconcellos.

1 Dos trabalhos que teve, diz Kepler com a costumada franqueza, que o atormentaram até á insomnia *(diu nos torserat pene ad insoniam)*.

1 Este methodo empirico de Kepler, pelo qual se traduzem observações por meio de curvas, tem hoje grandissima applicação nas sciencias physicas e chimicas. Mas só um acaso póde conduzir o observador a uma *lei natural* empregando tal methodo.

NAVEGAÇÃO DE VAPOR

(Vid. pag. 348)

VI

Paquetes de vapor — Primeira linha de vapores em Portugal — Vapores da navegação no interior dos Estados Unidos — Sua disposição especial — Numerosos sinistros na navegação de vapor nos Estados da União — Numerosos meios de salvação — Paquetes transatlanticos — Linhas de vapores entre Inglaterra e os Estados Unidos — Atrazo da França a este respeito antes do segundo imperio — Grandes linhas de vapores estabelecidas pelo governo imperial em França — Linhas do Brasil, da China e Indo-China — Linhas do Mexico, dos Estados Unidos e das Antilhas — Necessidade do auxilio dos governos nas grandes linhas de vapores — A companhia de vapores Luso-brasileira — Navegação de vapor entre Portugal e Africa Occidental — Vantagens do propulsor de rodas sobre o helice nos paquetes — Serviços feitos pelas grandes linhas de navegação de vapor internacional.

Foram de certo os paquetes os navios que mais depressa utilisaram da grande invenção de Fulton. Antes da applicação das machinas de vapor á navegação, o serviço de correio, e portanto de passageiros, era feito entre os paizes maritimos por meio de navios de vela. Portugal não foi das ultimas nações a adoptar os paquetes de vapor. No anno 1825 havia carreiras entre Lisboa e Porto feitas pelo vapor de rodas *Restaurador Lusitano;* depois este serviço tem successivamente sido feito pelos vapores *Porto*, *Vesuvio*, *Duque do Porto*, *Cysne*, *Lusitania*, *Lisboa*, *Maria Pia*, etc. Estes tres ultimos ainda hoje navegam, sendo o *Lusitania* o melhor barco de vapor que tem possuido a nossa marinha mercante. A linha de vapores entre Lisboa e Porto era talvez uma das melhores da Europa, pelo movimento sempre crescente que apresentava entre as duas primeiras cidades do reino; e, apesar de não ter subsidio, deu sempre grandes lucros todas as vezes que o serviço se fazia regularmente. O estabelecimento da linha de ferro do norte acabou com aquella linha de paquetes, que se acha hoje limitada a viagens espaçadas para transporte de algumas mercadorias e raros passageiros.

A idéa de paquetes ou *barcos omnibus* parece ser antiquissima. No tempo das cruzadas, os templarios e os cavalleiros de S. João de Jerusalem tinham orga-

nisado viagens em grandes barcos para conduzir em certas epochas os peregrinos á Terra Santa. Modernamente, a marinha mercante apoderou-se d'essa industria, que é um dos principaes elementos da sua prosperidade.

Nos Estados Unidos, onde primeiro se poz em execução a idéa de Fulton, o numero de paquetes de vapor cresceu immensamente em poucos annos, e o grande numero de canaes, rios e lagos que possue aquelle rico paiz, não contribuiu pouco para o grande desenvolvimento da navegação de vapor no interior da prospera e poderosa republica americana.

Os vapores que fazem a navegação interior nos Estados Unidos não se parecem com aquelles que estamos habituados a ver na Europa. As machinas de vapor usadas a bordo de taes barcos são geralmente de balanceiro, mas não tem a disposição que se lhe costuma dar na Europa; ha geralmente um só balanceiro collocado superiormente, como nas machinas fixas de Watt. A machina acha-se á vista acima do convés, e para propulsor tem geralmente as rodas de pás. Da pôpa á proa correm magnificos salões ricamente mobilados, onde o viajante encontra todas as commodidades e o maior luxo: cafés, restaurantes, banhos, excellentes camarotes, etc. No pavimento inferior vão as mercadorias, os animaes, etc.; nos superiores os passageiros, e, em fim, ao centro o machinismo, cujo balanceiro e as chaminés dominam toda a embarcação.

Os vapores da America não tem geralmente velocidade inferior a 15 milhas por hora. As suas caldeiras são de mui alta pressão. Em parte são talvez devidos á pouca resistencia das caldeiras, comparativamente com a grande tensão do seu vapor, os innumeros accidentes de que tem sido victimas estes barcos; mas a principal causa dos desastres que padecem os barcos de vapor da navegação fluvial da America, é a que provém das difficuldades da navegação em rios cujo leito é mui variavel, e em que a vegetação que cobre as margens é arrastada pelo deslocamento d'estas, e vem obstruir os rios creando escolhos terriveis para a navegação, a que os americanos dão o nome de *snags*.

Se os riscos da navegação de vapor na America são grandes, não são menores os meios de salvação; e, com effeito, os vapores americanos tem numerosas lanchas de salvação *(life-boats)*, cinturas de natação de caout-chouc, boias annulares, e varios outros objectos de salvação *(life-preservers)*.

Já os barcos de vapor navegavam na Europa e na America em diversas carreiras regulares, e ainda o serviço do correio entre o velho e novo mundo continuava a ser feito por navios de vela. Entretanto, certas viagens felizes que se fizeram através do Oceano Atlantico por alguns barcos de vapor, o *Sirius*, *Savannah*, etc., tinham suscitado a idéa de substituir os navios de vela no serviço regular e rapido por meio de paquetes de vapor.

Foram os inglezes que primeiro pensaram no estabelecimento dos paquetes transatlanticos; as primeiras viagens tiveram logar em 1840 com vapores de rodas de 400 cavallos de força. A navegação de vapor de longo curso exige um custeio dispendiosissimo, que torna indispensavel um subsidio da parte dos governos, mesmo nas linhas que tem grande movimento de passageiros. Assim o entendeu o governo inglez, subvencionando a companhia *Cunard*, em 1840, para o transporte das malas do correio da Europa para a America do Norte. Os vapores d'esta companhia, que na origem apenas tinham 400 cavallos de força, attingem hoje 1:000 e mais.

Em 1850, o governo dos Estados Unidos subvencionou tambem uma companhia de vapores transatlanticos, a companhia *Collins*, para viagens regulares entre Liverpool e New-York. Por largos annos as companhias transatlanticas subvencionadas se reduziram a estas duas. Em França, o espirito pouco economico, que alli predominou por muito tempo, impediu que a industria particular obtivesse do estado os auxilios necessarios para tentar tão giganteas emprezas; assim, todos os projectos apresentados por Thiers em 1840 sobre diversas linhas de paquetes de vapor não chegaram á execução. Foi necessaria a energia do segundo imperio para que o corpo legislativo, n'este como em outros muitos pontos, cedesse dos erros e prejuizos que ainda hoje possuem em parte os francezes sobre as doutrinas economicas, concedendo subsidios a diversas companhias de vapores. Em 1857, a grande companhia das *Messageries imperiales* obteve a linha de Bordeaux ao Brasil, e mais tarde a linha da China e Indo-China; a *Societé generale maritime* a linha do Havre a New-York, e a linha de Saint-Nazaire ao Mexico e ás Antilhas. A linha de vapores inglezes para o Brasil, o *Royal mail steam packet*, tambem subsidiada pelo governo, é mais antiga, pois data de 1850.

Além das companhias subsidiadas, por vezes tem emprehendido a industria particular fazer viagens longas com os seus unicos recursos, mas a experiencia tem mostrado que a regularidade e rapidez do serviço são impossiveis sem o auxilio do estado; assim, foram-se mallogrando as tentativas feitas por vapores inglezes, francezes, italianos e portuguezes. A desastrosa administração da companhia Luso-brasileira, que, não obstante possuir dois barcos, *D. Maria* e *D. Pedro*, os maiores que tem navegado com bandeira portugueza, e que fizeram algumas viagens com grandes cargas, não conseguiu cobrir as despezas, nem sequer evitar uma liquidação desgraçada, veiu assustar ainda mais as tentativas de navegação regular de vapor de longo curso.

Se para o Brasil, onde o movimento é immenso, os resultados são estes, para a Africa, para onde não ha passageiros quasi nenhuns e a carga é pouca, não podiam ser melhores; assim, a companhia União Mercantil, apesar do subsidio 160:000$000 réis annuaes e de varios emprestimos feitos pelo governo, depois de fazer viagens com pessimos barcos, que envergonhariam alguns navios de vela, acabou desgraçadamente, como todos sabem. O estado fez um novo contrato com uma nova companhia, a que deu o subsidio de 200:000$000 réis, mas tal subsidio ainda é pequeno; e, em nosso entender, tambem maior não póde o estado dar, porque não vale a pena. Portanto, continuarão as viagens a ser feitas por maus barcos, com serviço não favoravel para os passageiros, prejudicando a navegação de vela e o commercio da Africa, e tudo isto com sacrificios do thesouro. E, com effeito, algumas viagens fazem-se ainda com barcos da antiga companhia União Mercantil!

Na maior parte dos paquetes transatlanticos tem sido adoptado o propulsor de rodas de preferencia ao helice; e, com effeito, o movimento do helice produz trepidações e certo ruido muito desagradavel, que incommoda bastante os passageiros, e tanto mais que o eixo do propulsor heliçoidal passa justamente por baixo das camaras dos navios; é para diminuir este inconveniente que em alguns barcos de helice se tem disposto a principal camara para passageiros á proa. Nos vapores de rodas, sobre tudo quando são de grandes dimensões, o propulsor, sendo exterior e achando-se muito longe da camara e camarotes, pouco ou nada incommoda os viajantes. Accresce ainda que nas costas orientaes da America, sobre tudo perto das regiões equatoriaes, o mar acha-se frequentemente pouco agitado, e, portanto, torna-se então mais favoravel a acção do propulsor de rodas.

Os serviços que tem feito as grandes linhas de va-

pores são immensos: desenvolvimento de transacções e do commercio entre os diversos paizes, tanto da Europa, como da Asia, America e Oceania, augmento dos rendimentos indirectos e da riqueza publica, e multiplicidade e rapidez das viagens, facilitando os meios de communicação para os individuos, as industrias e os estados.

(Continúa) FRANCISCO DA FONSECA BENEVIDES.

O PADRE D. GONÇALO DA SILVEIRA

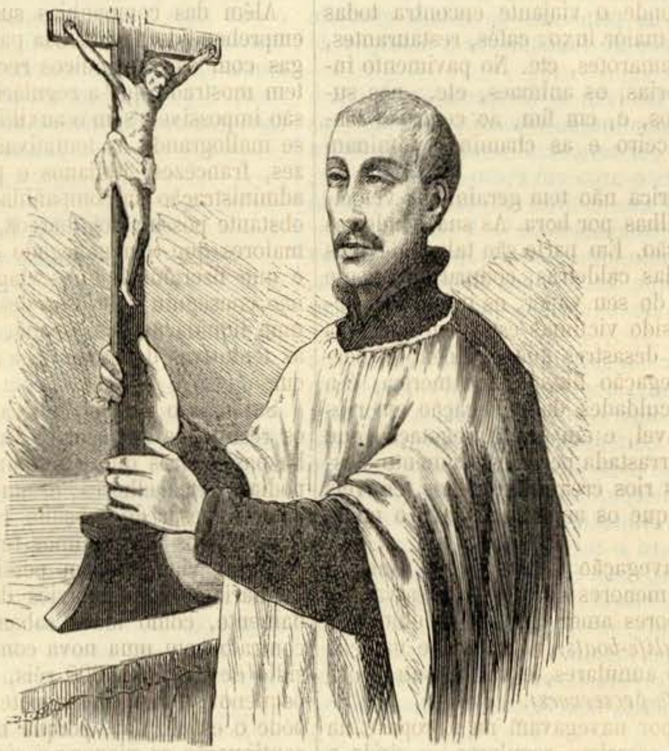
Vê do Benomotapa[1] o grande imperio,
De selvatica gente, negra e nua,
Onde Gonçalo morte e vituperio
Padecerá pela fé sancta sua.

Lusiadas, x, 93.

O retrato que hoje apresentâmos aos nossos leitores commemora um d'esses vultos notaveis, exemplos vivos e significativos do enthusiasmo religioso, e da sublime abnegação de si proprios, que a miude se nos deparam na historia da Companhia de Jesus, durante os annos em que após a sua fundação começou a propagar-se no globo este celebre e tão controvertido instituto.

Grandes e verdadeiros heroes, se este nome compete de preferencia á dedicação e ao sacrificio, os filhos de Loyola, abrazados no fervoroso zêlo da salvação do proximo, e anciosos de trocarem alguns dias de vida caduca pelas eternidades de gloria, que a fé lhes promettia, iam sacrificar-se gostosos, partindo das margens do Tejo para as plagas indianas, e para os sertões e mattas virgens da America, no empenho de conquistar almas para Deus. O impulso proprio fortificava-se no exercicio da santa obediencia, que, segundo as constituições dadas á ordem pelo seu patriarcha, era a virtude capital em que deviam sobresair os verdadeiros adeptos. Bastava-lhes por toda matalotagem o crucifixo suspenso ao peito, os alforges ás costas e o breviario na mão.

Transpostas, finalmente, as immensidades do Oceano, os que podiam aportar ao seu destino ahi começavam sua nova e mais fadigosa carreira, já affrontando de novo as tempestades em viagens trabalhosas e arriscadas, já embrenhando-se pelo interior das terras arrimados ao bordão do peregrino, expostos ás intemperies das estações em climas inhospitos e mal-sadios, padecendo fomes, sêdes, perseguições e contrariedades de toda a especie. Sempre prégando e cathechisando, até expirarem não poucas vezes nas torturas ignominiosas do martyrio!



O padre D. Gonçalo da Silveira

Tudo isto e muito mais era-lhes, comtudo, compensado amplamente pelos incentivos da caridade, e pela firme esperança nas remunerações eternas. Assim procediam, sem conhecer talvez o alcance da sua nobre empreza, que visava não menos que á unidade da fé em ambos os hemispherios, e á solidariedade moral de todas as familias do genero humano. Se resultados duradoiros não corresponderam ao esforço e zelo empregados para conseguil-os, a só tentativa não deixa de ser bastante para tornal-os dignos de admiração, e para assegurar-lhes tal ou qual agradecimento da posteridade.

É, pois, a respeito de um d'estes homens extraordinarios que temos de traçar algumas linhas, resumindo em pequeno espaço o muito que d'elle escrevem historiadores nacionaes e estrangeiros, a cujas pennas tem servido de largo assumpto sua dedicação, virtudes e trabalhos apostolicos, até morrer prematura e deshumanamente ás mãos dos infieis, com assenso e por mandado dos proprios que, por elle doutrinados e convertidos á fé do Crucificado, receberam das suas mãos as aguas regeneradoras do baptismo, e da sua boca as instrucções e preceitos da lei santa, a que sem constrangimento de força, mas por acto voluntario e espontaneo, se haviam sujeitado!

(Continúa) INNOCENCIO FRANCISCO DA SILVA.

[1] Benomotapa, ou antes Monomotapa, região da Africa Austral, situada na parte oriental da Cafraria. Constituia antigamente, e ainda no seculo passado, um imperio, ao qual eram tributarios alguns reinos menores, como Sofala, Manica, Inhambane e outros. O Monomotapa propriamente dito era todo rodeado pelo Zambeze ou Cuama, excepto do lado do sul. Hoje acha-se dividido em varios estados, quaes são os Maravis, Cazembes, Meraponas, Borouros, etc. O solo é fertil em arroz milho e outros cereaes, e abundante em minas de oiro e ferro.

COIMBRA

ARCO DE ALMEDINA

O arco de Almedina é um dos mais notaveis edificios de Coimbra. Fica proximo da rua da Calçada, dando communicação d'esta para a das Fangas [1] e para a de Quebra-Costas [2].

A sua fabrica de cantaria, a sua grande altura, o fecho em ogiva, e a apparencia de antiguidade que apresenta, imprimem-lhe um caracter imponente e respeitavel, que não póde deixar de infundir uma certa veneração no observador que o contempla.

Sob o arco de Almedina estão esculpidas as armas do reino, a imagem da Virgem e o brazão da cidade, objectos mandados collocar alli por el-rei D. Manuel [3].

Inferiormente a estas esculpturas divisam-se duas figuras, simillhantes a uma serpente e a um leão, e n'uma pedra que se nota no meio d'ellas esteve porventura representada em outras eras a Cindazunda no calice, o que tudo constitue as armas de Coimbra, e são talvez as que Botelho attribuiu ao tempo de Ataces, dizendo serem as primeiras da cidade que elle mandou fazer [4]. Carece de fundamento a asserção de Botelho.

Não é admissivel tambem a interpretação que dá o referido auctor á denominação *almedina*, termo arabico que elle traduz por *sangue*, dizendo que se ficára chamando assim a este arco em razão da grande carnificina que fizeram nos moiros os christãos quando por estes foi conquistada Coimbra [5]. A verdadeira interpretação do vocabulo *almedina* é a que lhe assigna fr. João de Sousa [6], que diz significa *cidade;* portanto, *arco de Almedina* vale o mesmo que *arco* ou *porta da cidade*.

Do mesmo parecer é o grande chronista benedictino fr. Leão de S. Thomaz, que, impugnando uma outra etymologia dada á palavra *almedina*, diz o seguinte: «O padre mestre fr. Luiz de Souto Maior, lente da cadeira de escriptura grande d'esta universidade, como quer que a mesma cidade tem tambem uma porta que se chama porta de Almedina, costumava dizer que porta de Almedina era o mesmo que porta por onde se saia para *Eminio*, que é a villa de *Agueda*, que em latim se chama *Eminio*. Porém esta derivação não tem fundamento solido, porque consta que *almedina* é nome moirisco que significa *cidade grande*, como diz o *Diccionario de nomes arabigos*, composto por Francisco Lopes Tamarid, beneficiado de Granada. Por

1 *Fangas*. Praça ou logar publico em que o pão se vendia por uma medida, que ainda hoje se usa, chamada *fanega*, que consta de quatro alqueires da medida corrente, e que n'aquelle tempo se chamava *fanga*, e constava de seis alqueires. Em Coimbra ainda ha uma rua chamada *das Fangas*, porque n'ella, ou junto d'ella, se vendia todo o genero de grão.—*Elucidario* de fr. Joaquim de Santa Rosa de Viterbo.

2 Foi dada tal denominação a esta rua em virtude do seu grande declive, de maneira que não se póde descer incautamente sem risco de se *quebrar as costas*. A sua muita inclinação é objecto de reparo e curiosidade para as pessoas que visitam Coimbra. O sr. A. A. Teixeira de Vasconcellos, fallando d'esta rua na sua interessante obra *Les contemporaines*, diz: «rue dont la pente rapide lui a valu le nom de *Casse-le-Dos* (Quebra-Costas).» Tambem feriu a attenção de mr. Chavignaud, que diz no *Jornal do Porto* de 10 de maio de 1866: «Le Portugal m'apparait comme le véritable Eden, surtout depuis que mes yeux ont été éblouis par le magnifique paysage de *Coimbra*. Quel dommage, pour en jouir pleinement, qu'il faille constamment gravir des rampes impossibles et ces rues si bien nommées *quebra-costas*, que nous ont léguées nos ancêtres, les goths et les maures!»

3 *Coimbra gloriosa pelas suas nobilissimas e antiguissimas memorias*, por Joaquim da Silva Pereira; manuscripto do fim do seculo passado, composto de quatro volumes em 8.º ordinario, e existente na bibliotheca publica de Lisboa.

4 N'esta porta de Almedina se acham esculpidas em pedra as primeiras armas da cidade, que el-rei Ataces mandou fazer; e bem mostram antiguidade pela pouca perfeição que tem.—Bernardo de Brito Botelho, *Historia breve de Coimbra*.

5 ...Cujo nome na lingua moirisca significa *porta de sangue*, pela grande corrente d'elle que os christãos fizeram alli derramar aos moiros na restauração de Coimbra, até os paços do bispo, onde a parochial egreja de S. João tomou o nome de S. João de Almedina, para memoria de tal victoria, e diz um escriptor antigo, que emanára dos mortos e feridos tanto sangue que reprezára na porta de Almedina, por estar fechada...—*Historia breve de Coimbra*.

6 *Vestigios da lingua arabica em Portugal*.

onde *S. João de Almedina* e *porta de Almedina* são o mesmo que egreja e porta de cidade grande [1].» Segue a mesma opinião o sr. João Corrêa Ayres de Campos, dizendo: «*Almedina*, termo originado do arabe, expressava a idéa de um grande centro de população, *urbs magna*, titulo que, com effeito, bem quadrava á cidade de Coimbra, cabeça então de um districto populoso, praça de armas importante e capital do reino até Affonso III [2].»

O arco de Almedina é aberto na antiga muralha, chamada *cérca de Almedina*, que comprehendia o que era propriamente cidade, pois ao que sobejava para fóra do recinto amuralhado chamava-se suburbio ou arrabalde [3].

Até 1836 existiram no arco de Almedina as portas fortissimas que o fechavam, chapeadas e cravadas de ferro, e que o sr. R. de Gusmão considera moiriscas [4]; n'aquelle anno, porém, a vereação que regia o municipio *entendeu* que de nada serviam, e mandou arrancal-as do seu competente logar.

Superiormente ao arco de Almedina está um edificio que serviu n'outros tempos de paços municipaes [5], e que hoje é casa de ensaio da philarmonica *Conimbricense*. Lá existe ainda o sino da camara, que, segundo usos de outras eras, e de que hoje não se faz caso, é solicito em avisar em todas as noites os cidadãos a recolherem-se aos seus domicilios [6].

AUGUSTO MENDES SIMÕES DE CASTRO.

MEYERBEER E O SEU TEMPO

(Conclusão. Vid. pag. 354)

IV

Qual foi o ultimo pensamento de Meyerbeer?

Responde cabalmente a esta pergunta o novo livro de Blaze de Bury. É esta, a meu parecer, a melhor de todas as noticias que a respeito do grande musico allemão nos podia dar o auctor de *Meyerbeer e o seu tempo*.

Não admira que, fechando com a brilhante composição da *Africana* o cyclo esplendido das suas epopéas, se cuide geralmente que aquella opera encerrou os ultimos pensamentos d'aquelle espirito incançavel, que havia liado de modo tão deslumbrante a profunda abstracção do Norte ao lyrismo sentimental do Meiodia. Mas a *Africana* — *the new old opera* [7] — como espirituosamente lhe chamou o satyrico jornal *Punch*,

1 *Benedictina lusitana*, tomo II, pag. 331.

2 *Indice chronologico dos pergaminhos e foraes existentes no archivo da camara municipal de Coimbra*, pag. 11.

3 Na era de 1170 —anno 1132— Santa Cruz estava ainda *in suburbio Colinbriæ* (Chron. lusit. na *Monarch. lusit.*, p. III, app. 1), com quanto já no seculo XIV a população externa tivesse crescido consideravelmente, existindo na *era* de 1339 a rua da *Moeda* (prazo das conegas de S. Jorge a João Lopes, alfaiate, na *Chr. dos c. regr.*, liv. 8.º, cap. XV), na de 1396 a de *Coruchy* (C. de D. Pedro I confirmando certos privilegios. *Perg. do arch. municipal*), em 1406 a da *Calçada* (prazo de umas casas a João Alvares. *Liv. dos perg. ant.*, fl. 22 v. no Arch. munic.), além de outras muitas, de algumas das quaes nem os sitios são hoje conhecidos.—Sr. Ayres de Campos, *Questões forenses*, n. 1, pag. 72.

4 *Revista universal lisbonense*, tomo I, pag. 476.

5 O sr. Ayres de Campos, no *Indice* citado na nota 2 d'esta columna, faz menção de um documento em que se falla da *torre da rrolaçom*, e accrescenta em nota: «A *torre da rrolaçom* era a que existe sobre o arco de Almedina, e onde estava a casa da camara, e se faziam as suas sessões e audiencias. Como *torre* e *camara da vereaçam* vem tambem designada em muitos contratos e outros titulos do archivo.»

6 Esta costumeira foi decretada nas *Ordenações do senhor rey D. Manuel*, liv. 1.º, tit. XLIV, § 54, pela seguinte fórma: «Item os Juizes mandaram tanger o sino de correr polos Alcaides, onde nom ouuer pessoa ordenada pera isso; e esto, naquelles Lugares onde se costumou tanger. E nas Cidades, e Villas Notaueis de Nossos Reynos, se corra o sino hũa hora inteira. E começaram a tanger desde o começo d'Outubro atee fim de Março aas oito horas da noute, e tangeram atee as noue; e desde começo de Abril atee fim de Setembro começaram a tanger aas noue horas, e tangeram atee aas dez; e nas outras Villas, e Lugares abastará tanger o sino hũa mea hora, porem acabaram sempre de tanger aas noue horas no inuerno, e aas dez horas no veram, nos meses que emcima Dissemos.»

No livro 1.º *da Corrêa*, pertencente á camara municipal de Coimbra, vem o *T.º a que Oras se ha de correr o syno da cidade;* e tambem um accordão da camara para que todos se recolhessem das suas portas tanto que o sino acabasse de tocar.

7 A nova opera velha.

contava talvez vinte annos de existencia na pasta do maestro quando este, pondo, felizmente, termo ás suas usuaes e prolongadas hesitações, resolveu dal-a á scena e entregal-a á admiração do mundo. Tanto isto assim é, que depois da sua morte foi encontrado nos seus manuscriptos um maço de papeis lacrados, contendo uma opera completa com a seguinte inscripção a lapis encarnado:

V. A.

Estas duas letras queriam dizer simplesmente: *Vecchia Africana*. Datava esta composição de 1845 ou de 1850. Era, com effeito, aquella opera a primeira das quatro *Africanas* diversas, que elle compoz successivamente, apropriando o canto de *Selika* á voz da Stoltz, a quem primeiro a destinára, e depois á da irmã da Malibran, á da Cruvelli, e, em fim, á de mad. Sax, que cantou a *Africana* pela primeira vez em a noite de 29 de abril de 1865.

Prende com este acontecimento outro menos conhecido, e, todavia, não menos digno de menção, por nos revelar o ultimo pensamento de Meyerbeer ácerca da grande arte que elle tanto ennobreceu.

Blaze de Bury havia escripto, para se representar no theatro de *l'Odeon*, um drama intitulado *A mocidade de Goëthe*. Lida a peça e approvada, iam distribuir-se os papeis, quando o emprezario do theatro notou a conveniencia de adornar com uma symphonia da orchestra uma scena nocturna do terceiro acto, para augmentar o effeito produzido no espirito do publico, transportado repentinamente ao mundo vago do sentimentalismo pela magica impressão da musica. Era excellente o alvitre, mas como o pensamento do auctor da *Mocidade de Goëthe* fôra, segundo elle proprio confessa, apresentar esse grande poeta em scena, *vivendo as suas obras*, a difficuldade estava em encontrar pessoa que escrevesse a symphonia com uma comprehensão cabal do assumpto e perfeito desempenho. Blaze de Bury lembrou-se de Meyerbeer, e, confiado nas relações de amizade que tinha com elle, assegurou ao emprezario do theatro que Meyerbeer comporia a symphonia.

«Havia-me impressionado muito esta conversação, diz aquelle escriptor. Quando me separei do emprezario, vim scismando nas condições novas que se poderiam talvez introduzir, e occorreu-me ao pensamento fazer um *intermedio* do quarto para o quinto acto, no qual appareceria, como n'um *fresco* de Miguel Angelo, um mundo inteiro evocado pelo genio do mestre.»

Escripto o *intermedio*, Blaze de Bury animou-se a fazer a Meyerbeer a proposta de o pôr em musica. Meyerbeer acceitou e, passado algum tempo, explicou as condições com que o fazia. Tal é a exposição que elle fez do seu modo de considerar este curioso assumpto:

«Primeiro que tudo, preciso dizer-vos o que quero fazer. Reflecti muito na vossa peça, na parte que a musica póde tomar n'ella, no modo como importava que esta intervenção tivesse logar para produzir effeito. Estamos talvez agora no caminho de uma descoberta. Experimentemos. Estão gastas as fórmas antigas; a opera em cinco actos já não é possivel. Procurar nas condições da arte moderna essa alliança da poesia e da musica no drama que a antiguidade parece ter entrevisto, é uma coisa que me tenta, confesso. Accrescento até que pensava n'isto ha muito tempo, e conto poder proval-o, se alcançarmos *un succès*, propondo-vos outros pensamentos. Já adivinhaes o que tenciono fazer: intervir na vossa obra sem de algum modo me confundir com ella; deixar-vos fallar a vossa linguagem durante quatro actos, e depois, de repente, entre o quarto e o quinto acto, abrir a minha cataracta, desencadear as forças todas de que disponho, e tornar a dar-vos logo em seguida a palavra para concluir. Goëthe disse algures: «Onde a palavra acaba começa a musica.» É por este aphorismo que nos vamos regular. Posta em scena, a *Mocidade de Goëthe* não póde ser outra coisa senão o espectaculo de uma grande natureza que mede as suas forças.

«A crise, a lucta do genio com as paixões e com os obstaculos, que o prendem ao tentar os primeiros vôos, é o que estudaes, segundo os vossos recursos, na medida da vossa arte; e quando a vossa arte disse tudo o que póde exprimir, quando tocaes os limites da palavra, chego eu com os meus coros, a minha instrumentação, os meus orgãos, e então o hymno formidavel do sobrenatural. Portanto, nem cavatinas, nem duos, nada do que é vulgar e commum; mas, n'um momento dado, e concentrando-se sobre um ponto unico, uma completa irradiação musical, uma grande explosão de luz! Até confio tanto no effeito d'esta concentração, que não quero que se oiça no theatro uma só nota de musica antes do meu *intermedio*. Desde então renuncio á canção de *Mignon* e ao *melodrama* [1] do terceiro acto, que antecipariam o effeito que eu reservo para mim produzir. *Nem sequer quero que se oiça afinar uma rabeca;* e pelo que respeita a fazer uma symphonia de abertura, sim, vou fazer uma, muito grande, muito desenvolvida, resumindo em seus differentes aspectos a existencia e as obras do heroe. Previno-vos, porém, que, em logar de a pôr no principio da peça, irá antes do *intermedio*, ao qual servirá de introducção.»

Este parecer, desacompanhado dos seus fundamentos, exposto apenas com a estricta precisão, que é quasi sempre o resultado de aturadas meditações e a ultima expressão de convicções profundas, soprende verdadeiramente o nosso espirito, e parece á primeira vista uma anomalia frisante na boca do fecundo compositor, que levou a vida a fazer operas em cinco actos. E, todavia, é, se me não engano, uma consequencia rigorosa da reforma operada por Meyerbeer na arte da musica com applicação ao theatro.

Dissera Beethoven, que já não bastava só o sentimento á musica, e que era precisa tambem a intervenção da intelligencia. Foi o que fez Meyerbeer.

A opera, antes d'elle, era um poema lyrico: recebia impressões do que fallava directamente á imaginação, inspirava-se das faculdades affectivas, era um echo do sentimento; tomava para si o que havia de tocante no amor, de bello na historia, de mysterioso nas tradições, de vago nas lendas, e punha de parte tudo o que não fosse isso; via a humanidade pelos olhos da arte. Mas a opera creada por elle é mais alguma coisa do que poetica, é historica e dramatica, *quanto o permitte a musica*, e não quanto elle desejára que ella fosse. Tem sempre uma idéa, e desenha a traços largos uma epocha e os caracteres dos seus personagens, que nós vemos em scena, como já antes os tinhamos visto na historia com maior exactidão.

Meyerbeer, espirito eminentemente logico e penetrante, aspirando constantemente a uma perfeição superior, cedo reconheceu que era insoluvel o problema de fundir a opera e o drama para formar um todo harmonico, composto do que havia de melhor n'esses dois elementos. Fazel-o seria realisar o impossivel. A verdade dos caracteres, filha do estudo da natureza humana e da analyse das paixões postas em lucta no drama, exprime-se claramente por meio da linguagem, que é o meio de communicação mais preciso e ao mesmo tempo mais amplo que tem o pensamento. A musica, porém, essencialmente vaga e indefinida, como acima dissemos, não póde por isso

[1] Este termo, em linguagem de theatro, significa um acompanhamento da orchestra, que, habilmente empregado, concorre para o effeito de uma situação, e póde ser um grande recurso se se trata de transportar o espirito do espectador do mundo real para o mundo invisivel.—*Meyerbeer e o seu tempo*, pag. 282.

mesmo acompanhar a palavra na revelação minuciosa dos sentimentos humanos, em todos os seus modos de ser, na variedade infinita de suas cambiantes. O que ella faz é dizer-nos na sua maravilhosa linguagem o que ha de mysterioso e de insondavel no coração do homem, e por isso, como disse Goëthe, «começa a musica onde a palavra acaba.»

D'aqui vem que os merecimentos da palavra, que são a clareza e a precisão, constituem os defeitos da musica, e que as ineffaveis bellezas que esta tem são justamente os senões inseparaveis da palavra. Esta experiencia mostra que tentar fundir n'um todo o drama e a opera, conservando a uma e ao outro a sua perfeição relativa, é o mesmo que separal-os immediatamente. Foi o que aconteceu a Meyerbeer. Essa *alliança entre a poesia e a musica*, que foi o seu ultimo pensamento, é coisa muito differente da intima consubstanciação de ambas. O *intermedio* da *Mocidade de Goëthe* é a refutação do quarto acto do *Propheta*, no ponto de vista da doutrina que produziu, em epochas differentes, o primeiro e o segundo.

A proposito da *Mocidade de Goëthe*, diz Blaze de Bury que Meyerbeer lhe escreveu a carta da qual damos o seguinte trecho:

«Dizeis-me que mr. de la Rounat [1] escripturou mad. Ristori para o mez de abril, no qual estava decidido que eu entregaria a minha partitura, e que, por consequencia, nos propõe dal-a á scena na primavera de 1862. N'esta epocha estarei por certo livre, musicalmente fallando; não vejo, pois, difficuldade nenhuma quanto ao presente; comtudo, meu prezado amigo, acceitar um compromisso definitivo para uma epocha tão afastada, como essa, que sómente virá depois de corrido o espaço de quatorze mezes, é o que eu não poderei fazer na minha posição. Pae de familias, não habitando a França, e nas circunstancias em que vivemos, quem sabe, considerando n'um futuro tão longinquo, o que poderá reter-me em minha casa? Se esperarmos até o primeiro de outubro proximo para assignar uma escriptura para abril de 1861, epocha que mr. de Rounat propõe, elle poderá ter a certeza de ser entregue da obra com anticipação de sete mezes, e, pela nossa parte, não teremos o futuro preso durante um tão longo espaço de tempo.»

Tal foi o ultimo pensamento e a ultima obra de Meyerbeer: — o *intermedio* da *Mocidade de Goëthe*.

«Realisou-se o projecto, diz o sr. Blaze de Bury. A idéa converteu-se em obra. E a obra terá o seu destino.»

Meyerbeer, chegando a Paris no outono de 1863, resolveu pôr em scena primeiro a *Africana* e depois a *Mocidade de Goëthe*. Foi este o motivo por que acima dissemos que ao acontecimento da representação d'aquella opera estava ligado o do *intermedio* do drama do sr. Bury.

Aguardemos, pois, respeitosos a apparição d'essa nova obra, que deve ser um primor de arte.

Novembro de 1865. ALBERTO TELLES.

[1] Emprezario do theatro l'Odéon.

BIOGRAPHO E BIOGRAPHIA

Biographo é o auctor que escreve a vida de um homem ou muitas vidas de homens celebres.

Biographia é a historia de um particular ou collecção de historias de muitos particulares. Compõe-se esta palavra de dois vocabulos gregos: *bios*, vida, e *grapho*, escrevo.

Certos livros da Biblia, taes como os de José e Tobias, são biographias. São tambem biographias a collecção dos bollandistas e a que se intitula *Vida dos Santos*.

A differença que ha entre a biographia e a historia propriamente dita, é que a biographia só refere da historia dos povos o que respeita á pessoa de que trata.

A biographia deve ser escripta com imparcialidade. Logo que se mostre benevolencia ou malevolencia excessiva, perdeu-se este genero de escriptura, porque será apenas um panegyrico ou uma diatribe, e ninguem consultará a biographia senão com desconfiança.

Que procuram, com effeito, em uma biographia os amigos da verdade? Os factos que devem servir de base á sua opinião ácerca do homem de quem se escreve, e não a opinião do homem que escreve; procuram o que o titulo da obra prometteu e o que tem direito a exigir, a verdade nua e crua.

Os antigos biographos são modelos de imparcialidade. Cornelio Nepote não elevou nem deprimiu ninguem. Escreveu a respeito de Amilcar ou de Annibal, como a respeito de Catão ou de Attico; nem foi romano nem carthaginez; foi homem de bem. Do mesmo modo procedeu Plutarco.

Tem-se multiplicado as biographias nos tempos modernos. O valor, porém, das biographias antigas não é que torna mais recommendavel as biographias de hoje.

A multiplicidade nasce da parcialidade. Se os auctores das primeiras biographias modernas não ultrapassassem os limites do genero; se se contentassem com referir os factos averiguados, sem os commentar nem deturpar, poderiam continuar o trabalho dos antigos como seus imitadores.

Como, porém, seguiram diverso methodo, foi mister contradizel-o e indicar os erros, porque nem todos eram involuntarios. Originaram-se d'esta circunstancia outras biographias, que tambem não foram isentas de parcialidade. Escriptas por effeito de generosa indignação, tiveram muitas vezes o cunho do espirito de reacção; mas, em pontos de honra, é difficil que um homem se não apaixone na refutação e na desaffronta.

Dizia um celebre jurisconsulto, quando se tratava da biographia dos contemporaneos: — «Seria para desejar que se não fizesse nenhuma; mas, logo que appareceu a primeira, a segunda tornou-se necessaria.»

Ha quem pense que não nos devemos apressar em julgar os contemporaneos, porque não é sobre factos isolados nem pelo que se fez um dia, mas sobre uma serie de factos e pelo que se fez durante a vida, que se póde conscienciosamente pronunciar juizo seguro ácerca de um homem; mas, para que a sociedade conheça o homem e possa opportunamente proferir esse juizo, devem-se compendiar os factos que sirvam para a severa apreciação do juiz, e o biographo, que os colligiu, fará bom serviço dando-lhes publicidade.

Observe-se, todavia, que a veracidade e exactidão são as primeiras qualidades que se exigem tanto de um biographo como de um historiador; e que, como escriptor, é mister que seja claro, simples, polido e conciso.

Em Portugal, fr. Luiz de Sousa é dos mais distinctos biographos, sobre tudo pela opulencia da linguagem e pelos primores do estilo; e tanto assim, que se considera como dos nossos classicos o de melhor nomeada pela perfeição dos seus escriptos, cuja leitura, sequer por esta só qualidade, e segundo a opinião dos philologos-criticos de boa nota, se deve preferentemente recommendar aos estudiosos. Depois de fr. Luiz de Sousa, o nosso biographo mais notavel, e tido tambem em conta de classico, é Jacinto Freire de Andrade, auctor da *Vida de D. João de Castro*.

Alguns escriptores francezes consideram Brantôme como um biographo mui celebre; é-o, quando menos, pelo escandalo que produziram as suas obras.

Como biographos-historiadores, são dignos de apreço Voltaire, auctor da *Vida de Carlos* XII; Robertson, auctor da *Vida de Carlos* V; e Watson, auctor da *Vida de Filippe* II *de Hespanha*, de que Thomson foi continuador.

B. A.